Alberto Nepomuceno e o Ceará

JOSÉ LIBERAL DE CASTRO

A última edição da Revista do Instituto do Ceará (nº 108, 1994, p.237-246) apresentou o trabalho do musicólogo Aloysio de Alencar Pinto intitulado *A melodia do Nordeste e suas constâncias modais*, no qual o autor tece comentários sobre aspectos da obra de Alberto Nepomuceno, particularmente sobre o Hino do Ceará.

Aproveitamos o ensejo para retornar ao assunto, oferecendo uma pequena contribuição de interesse para a biografia do compositor . Trata-se de matéria recolhida em jornais cearenses publicados nas semanas em que o artista visitou a terra natal no ano de 1888 bem como o texto da carta enviada por Nepomuceno ao Barão de Studart, acompanhando a partitura do *Hymno do Ceará.*

Antecedendo a transcrição da matéria, permitimo-nos tecer algumas considerações biográficas sobre Alberto Nepomuceno e sua visita ao Ceará em 1888, a fim de possibilitar melhor entendimento de fatos concernentes à vida do compositor, desconhecidos de muitos de seus próprios admiradores [1].

A visita de Nepomuceno ao Ceará em 1888

Alberto Nepomuceno nasceu na Fortaleza em 6 de julho de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro 1920. Seu pai, Victor Augusto Nepomuceno (1840-1880), natural do Aracati, era organista da Sé fortalezense, pianista, violinista, professor de música e afinador de instrumentos musicais. Naqueles tempos, a capital cearense não passava de uma cidade muito pequena, principalmente quando comparada com o Recife, Salvador e o Rio de Janeiro, as três maiores cidades do Império. Premido pelas dificuldades de um meio urbano acanhado, Victor Nepomuceno, que possuia ascendência pernambucana, decidiu mudar-se com a família para a terra de

1. As informações ora apresentadas não são propriamente inéditas. Primeiro, porque publicadas em jornais da época; segundo, porque, na quase totalidade, foram exibidas na Exposição Comemorativa do 1º Centenário de Nascimento do artista, montada no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, em 1964. O presente trabalho visa apenas à divulgação de fatos da vida de Nepomuceno diretamente correlacionados com o Ceará.

seus antepassados. No Recife, seu filho Alberto realizou os estudos secundários, participando com entusiasmo do movimento abolicionista e assistindo a cursos vários, inclusive às aulas de filosofia e língua alemã ministradas por Tobias Barreto. Enquanto isto, paralelamente, prosseguia sua educação musical, sendo-lhe logo reconhecida a condição de excelente pianista.

A morte prematura de Victor Nepomuceno alterou substancialmente a vida do moço artista. Tornando-se-lhe difícil manter a mãe, Maria Virgínia [*née* Oliveira Paiva] (1846-1892), e a irmã, Emília (um ano mais velha que o irmão), o jovem Alberto decidiu trazê-las de volta para o Ceará em 1884.

Desejoso de aperfeiçoar-se na Europa, Nepomuceno, nessa ocasião, solicitou uma bolsa de estudos ao governo imperial por intermédio da Assembléia Provincial cearense, pleito não atendido, ao que se supõe, como represália às posições do músico, envolvido com abolicionistas e republicanos.

Deixando mãe e irmã aos cuidados da família (ver nota 8), transferiu-se no ano seguinte para o Rio de Janeiro, o grande centro escolhido para desenvolver sua carreira como músico profissional.

Na Capital do Império, apresentou-se com grande êxito no Club Beethoven[2], o selecionado centro de vida artística da Corte, sendo logo designado professor de piano. Pouco tempo depois, já emergia como figura requestrada[3], travando amizade com vários freqüentadores do clube, expressivas figuras da vida cultural do Rio de Janeiro, muitas das quais se tornariam nomes emblemáticos nas artes brasileiras. Entre os ilustres freqüentadores do Club Beethoven[4], Nepomuceno manteria pelo resto da vida relacionamento de estreita amizade fraterna com o violoncelista português Frederico Nascimento (Setúbal, Portugal, 1852 – Rio de Janeiro, 1924), em cuja casa veio a falecer, com o pianista, também português, Artur Napoleão [dos Santos] (Porto,1843 – Rio de Janeiro,1925), com os artistas plásticos irmãos Rodolpho (Guadalajara/México, 1852 – Rio

2. O Club Beethoven funcionava na Praia da Glória, junto do Hotel Suíço, em local hoje muito distante da orla da baía da Guanabara, por força dos sucessivos aterros a que o bairro foi desde então submetido.
3. Nos papéis de Nepomuceno encontra-se um convite para participar de um sarau artístico no Palácio Isabel (o atual muito alterado Palácio Guanabara), cujas portas eram freqüentemente abertas pela Princesa Isabel e pelo Conde d'Eu à sociedade fluminense.
4. Machado de Assis, bibliotecário da associação e apaixonado por partidas de xadrez, era freqüentador assíduo do Club Beethoven. O relacionamento entre o escritor e o jovem cearense, explica porque Nepomuceno, de volta da Europa, musicaria um dos poemas de Machado (*Canção Triste*, 1899).

de Janeiro, 1931) e Henrique Bernardelli (Valparaíso/Chile, 1858 – Rio de Janeiro, 1936), nascidos no estrangeiro mas criados no Brasil, e com o literário maranhense Henrique Coelho Neto (Caxias, 1864 – Rio de Janeiro, 1934).

Incentivado pelos amigos, Nepomuceno decidiu realizar uma excursão artística pelo "Norte", a fim de angariar recursos para estudar na Europa, tendo viajado em companhia do seu grande amigo Frederico Nascimento. No Ceará, demora-se três semanas, quando realiza um concerto e participa de mais dois outros, em benefício das obras de conclusão da igreja Matriz do Patrocínio. De retorno ao Rio de Janeiro, amparado pelo auxílio pecuniário obtido pelos irmãos Bernardelli, Nepomuceno seguiu para a Itália em 1888. Enfrentando dificuldades iniciais, suas condições de vida somente melhoraram depois da Proclamação da República, quando lhe foi concedida uma bolsa de estudos, após obter a 3ª classificação no concurso realizado para escolha do novo hino nacional[5].

Nepomuceno, após permanecer em Roma, prosseguiu os estudos em Berlim, em Paris e também em Bergen/Noruega[6], com Grieg, um dos mais destacados cultores do nacionalismo musical. Data dessa época uma aproximação maior com uma aluna e patrícia do mestre norueguês, a pianista Walborg Bang, a quem Nepomuceno conhecera em Viena e com quem se casaria[7].

Após prolongada demora de seis anos na Europa e já nomeado professor de orgão do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, Nepomuceno retornou ao País, passando a desenvolver destacada atuação na vida musical do Rio de Janeiro. Admirado como um

5. Nepomuceno encontrava-se na Itália quando o Governo Republicano Provisório decidiu realizar um concurso para escolha do novo Hino Nacional Brasileiro. Os concorrentes deveriam ajustar a música à letra de Medeiros de Albuquerque, tarefa quase impossível para Nepomuceno, visto somente ter recebido o texto a poucas semanas da data de encerramento do concurso. Ainda assim, conseguiu obter o 3º lugar. Leopoldo Miguez, grande amigo de Nepomuceno, foi o vitorioso. Diga-se – vitorioso – até certo ponto, pois, por desejo de Deodoro e dos militares que haviam participado da Guerra do Paraguai, acabou sendo mantido o velho hino dos dias imperiais. A composição de Leopoldo Miguez tornou-se o Hino da Proclamação da República.
6. Nepomuceno era um artista refinadamente culto. Além da língua materna, falava o francês, o inglês, o italiano, o alemão e o norueguês.
7. Casaram-se em 1893. Foram quatro os filhos do casal: Eivind, Sigurd, Sigrid e Astrid. Duas de suas filhas estiveram na Fortaleza em julho de 1964, assistindo aos festejos comemorativos do 1º centenário de nascimento do pai. Nepomuceno compunha peças pianísticas para os filhos: aquelas executadas unicamente com a mão esquerda, destinavam-se a Sigrid, que tinha uma deficiência no braço direito.

dos maiores nomes da música brasileira, tornou-se por demais conhecida a verdadeira batalha de que participou em prol da introdução do canto erudito em língua portuguesa. Notabilizou-se como pianista, organista, compositor, orquestrador, regente, restaurador de textos musicais antigos, professor, além diretor do Instituto Nacional de Música por duas vezes. Vivendo numa época de transição artística, Nepomuceno foi um dos incentivadores de futuros cultores do modernismo, seus alunos, dentre os quais, Villalobos, Lorenzo Fernandez e Luciano Gallet.

Por ocasião da viagem "ao Norte", entre fins de abril e meados de maio de 1888, Nepomuceno permaneceu na cidade em companhia da família durante um pouco mais duas semanas, formando novos círculos de relacionamento e reatando laços de amizade estabelecidos quando de sua anterior estada[8].

Duas das mais famosas fotografias da vida cultural cearense registraram essa rápida presença de Nepomuceno no Ceará, de tal modo que não podemos furtar-nos de tecer alguns comentários pertinentes. São documentos, impõe-se insistir, que resgatam de modo altamente expressivo imagens vivas da vida sócio-cultural fortalezense nos dias da passagem do artista por sua cidade natal.

Tomadas por Alfredo Salgado[9] na chácara do livreiro Gualter Rodrigues da Silva[10], certamente na manhã de um domingo – 29 de

8. Na ocasião, a mãe e a irmã de Nepomuceno (esta então normalista) moravam na companhia dos tios do artista, José e Manuel de Oliveira Paiva, ambos aliás bem moços. A casa, onde também viviam outros parentes do músico, estava localizada na Rua do Conde d'Eu nº 105. Este endereço hoje corresponde aos lotes de números ímpares, na Rua Sena Madureira, junto do cruzamento com o Beco do Pocinho, lotes confrontantes com o Palácio Presidencial da Província e com fundos voltados para o riacho Pajeú. Na casa, devem ter-se hospedado Alberto Nepomuceno e seu amigo Frederico Nascimento.
9. Alfredo Salgado (1855 – 1947), bem como os seus retratados, eram todos integrantes dos movimentos abolicionistas cearenses, vitoriosos havia quatro anos, quando da Libertação de 25 de março de 1884. Ligado desde jovem ao comércio britânico, Salgado tornou-se comerciante rico. Na ocasião, trabalhava com Singlehurst & Co., firma da qual viria a participar como sócio.Sua morada na Jacarecanga, a Itapuca Villa, construída no início deste século, mas lamentavelmente demolida, figurou como uma das edificações residenciais mais significativas da cidade
10. Gualter Rodrigues da Silva (1843-1891) era proprietário da Livraria Gualter, localizada no então nº 72 (atual 354) da Rua Major Facundo, no cruzamento com a Rua São Paulo (esquina sudoeste). Sua esposa, Dª. Isabel Rabelo da Silva (Dª. Biluca), era uma mulher culta e viajada, tendo-se dedicado à pintura. Após a morte repentina do proprietário, a família de Gualter deixou o Ceará, radicando-se em Manaus. A Livraria Gualter foi então vendida a um dos seus empregados, Militão Bivar, passando a denominar-se Libro-papelaria Bivar. A casa de chácara, a Vila Santa Isabel, ficava no Benfica. Raimundo Girão dizia-nos acreditar que se situava no cruzamento das atuais Avenida da Universidade com a Rua Senador Catunda, não sabendo entretanto precisar em qual das esquinas. Talvez a chácara ficasse mais distante, já perto da linha do trem.

abril, 6 de maio ou 13 de maio (com mais probabilidade no dia 6), as fotografias mostram um grupo seleto de intelectuais num convívio amável e descomprometido com o registro de momentos alegres e fugazes. Cercando o Presidente da Província, o paulista Antônio Caio da Silva Prado[11], que numa das fotos[12] se acha despretensiosamente sentado no chão, lá se vêem o dono da casa (empunhando um bandolim), sua mulher, Isabel Rabelo da Silva, e filhas, as jovens Maria Ester e Clotilde (o casal tinha mais um filho, César). Também estão retratados o abolicionista e republicano, depois senador da República, João Lopes Ferreira Filho (1854-1928), na companhia de sua mulher, Dona Menininha – Maria de Sousa Catunda Lopes Ferreira, e dois dos filhos pequenos, futuros literatos, Oscar (1882-1938) e Thomaz (1879-1913), este último o autor da letra do Hino do Ceará, composto por Nepomuceno. Também se fazem presentes figuras por demais conhecidas como o historiador Antônio Bezerra de Meneses (1841-1921), o romancista Manuel de Oliveira Paiva (1861-1891), tio de Nepomuceno (irmão de sua mãe, Virgínia), os poetas Antônio Salles (1868-1940) e Antônio Martins (1852-1895), este acompanhado de dois filhos menores, Antônio e César. Aparecem também o violoncelista Frederico Nascimento, já calvo, bem como João Salgado (irmão de Alfredo, o fotógrafo amador), o comerciante Confúcio Pamplona (1859-1910), introdutor da telefonia na cidade, o joalheiro Jacques Weil (1856- ?), com loja quase vizinha à livraria de Gualter, além de pessoas da casa.

11. Filho de Martinho da Silva Prado e de D. Veridiana Prado, irmão do escritor Eduardo Prado, Antônio Caio da Silva Prado (1853-1889) pertencia a rica e tradicional família paulista. Havia tomado posse em 21 de abril de 1888, justamente por ocasião da visita de Nepomuceno ao Ceará. Embora membro da chamada aristocracia paulista do café, Caio Prado era uma figura simples, integrada na vida social e intelectual da cidade, mantendo abertas as portas do Palácio do Governo, onde, com sua mulher e duas filhas pequenas, recebia a todos com elegante fineza. Dedicando-se com grande empenho no socorro às vítimas da terrível seca que abalava o Ceará naquele ano, certamente a proximidade física mantida com flagelados fê-lo contrair a febre amarela, de que veio inesperadamente a falecer em 25 de maio de 1889, quase às vésperas da Proclamação da República.

12. Sobre uma das fotos ver: CORREA, Sérgio Alvim – *Alberto Nepomuceno* / Catálogo Geral; sobre a outra foto ver: GIRÃO, Raimundo – *Geografia Estética de Fortaleza* e, principalmente, BOIA, Wilson – *Antônio Sales e sua época*, p. 81-5, que pormenoriza informações biográficas sobre os retratados. Ver também a crônica de Antonio Sales (um dos retratados) sobre a foto, crônica publicada no *Correio do Ceará* de 11. 01.1937, e não de 11.02.1937, como afirma Bóia. O artigo de Sales foi arrancado do exemplar do *Correio*, daquela data, guardado na Biblioteca Pública do Estado! Os interessados no texto de Sales devem recorrer a outras hemerotecas.

As ligações intelectuais com seus conterrâneos fariam com que Nepomuceno viesse a musicar poemas de Thomaz Lopes (*Canção do Norte, Hino do Ceará* e *Ocaso*), de Antônio Salles (*Epitalâmio* e *Morta*) e de outros poetas cearenses, como [José Getúlio da] Frota Pessoa (*Coração indeciso*) e Juvenal Galeno (*Tu és o sol, Medroso de amor, Cativeiro, Cantiga triste, A jangada* e uma *Ave Maria*). Ausente à reunião, Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931), nacionalmente conhecido por sua obra inspirada em motivos populares, seria o poeta cearense preferido por Nepomuceno, tantos foram os seus versos líricos musicados pelo compositor, aos quais se juntaria o libreto da ópera *Porangaba*, apoiado no romance-poema *Iracema*, de Alencar, obra infelizmente inconclusa (Nepomuceno também comporia a comédia lírica *O Garatuja*, baseada em romance alencarino homônimo, cuja ação entretanto não transcorre no Ceará).

Caio Prado havia chegado ao Ceará pelo navio *Pernambuco*, aportado na manhã de 21 de abril, significando dizer que o convescote se realizava, portanto, quando muito passadas umas duas semanas de estada do novo titular do governo provincial na cidade. Alguma explicação talvez possa ser formulada a propósito desse rápido relacionamento travado entre o novo Presidente da Província e intelectuais da terra. Procedente de Alagoas[13], onde acabara de exercer a presidência daquela província, provavelmente Prado havia estabelecido camaradagem com os dois artistas nos seis ou sete dias de viagem, pois o mesmo "paquete" também transportava Nepomuceno e Nascimento (ver notícia da *Gazeta do Norte*, de 23.04.1888, transcrita nos anexos)[14]. Era comum nos navios de maior conforto a presença de pequena orquestra de bordo, destinada a proporcionar distração aos passageiros. Os ilustres músicos, ambos solteiros, certamente teriam sido convidados a cooperar nos divertimentos, dos quais Prado teria participado com entusiasmo, mesmo porque ficaria conhecido no Ceará como grande "festeiro" (o baile realizado já a 17 de maio, em palácio, integrado às comemorações da Abolição, ocorrida quatro dias antes, naquele ano de 1888, terminou às 4:30 da manhã seguinte...). Como Nepomuceno havia estabelecido estreito contato

13. "A 21 deste chega a esta Capital o sr. Antonio Caio da Silva Prado, presidente da provincia, recentemente nomeado./ O paquete nacional "Pernambuco" sahe hoje á tarde do porto do Recife, devendo passar aqui no dia 21 deste." (*GAZETA DO NORTE* – Quarta-feira, 18 de abril de 1888).

14. "Chegou hoje de Maceió, no paquete "Pernambuco" o exm. sr. dr. Antonio Caio da Silva Prado, presidente da provincia."/ Foi recebido pelo presidente Enéas de Araujo Torrezão, com guarda de honra do 110 batalhão e salva de tiros na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção à chegada do navio. "A 1 hora da tarde, com a solemnidade de estylo, s. exc. prestou juramento perante e camara municipal." (*GAZETA DO NORTE* – Sabado, 21 de abril de 1888). Tomou posse, portanto, a 20 de abril de 1888.

intelectual com seus conterrâneos durante a anterior temporada fortalezense de 1884/1885, tudo levar a admitir ter sido ele o próprio introdutor de Caio Prado na vida cultural da pequena cidade ou, melhor dito, numa roda de velhos aboliconistas e republicanos...[15]

Durante sua permanência na cidade, Nepomuceno participou de três saraus musicais. Como, à época, a cidade ainda não possuia casa de espetáculos que pudesse realmente denominar-se "teatro", os concertos, realizados à luz de gás, tiveram como palco o Club Iracema[16]. Foram todos muito concorridos, embora, no mesmo instante, por certo atraindo outro grupo de espectadores, a companhia de dra-

15. A animada gestão presidencial foi interrompida com o seu inesperado falecimento de Caio Prado, drama que traumatizou a cidade. Seu enterro constituiu uma das maiores comoções coletivas da história fortalezense. Prado foi sepultado no Cemitério de São João Batista, em um mausoléu implantado logo à direita dos portões de acesso, facilmente identificável pela imponente coluna de granito decepada que se ergue do piso, simbolizando-lhe a morte prematura. Gustavo Barroso (*À margem da história do Ceará*, p.324-8) assinala ter sido Caio Prado "o mais querido governante do Ceará". O mesmo autor acrescenta que, por decorrência de uma incontida admiração devotada pelas camadas populares ao governante, o seu túmulo sempre amanhecia coberto de flores nos dias de Finados [particularmente durante todo o transcorrer de uma geração feminina...]. Todavia, talvez porque representasse administrativamente o Imperador, encontrou restrições por parte de reduzido número de opositores. Entre estes se encontrava o escritor Adolpho Caminha, que ironiza a figura de Prado no romance *A Normalista*, de ação contemporânea. Como curiosidade, lembremos que, por estranha coincidência, o mausoléu de Caio Prado se ergue junto do túmulo de Gualter da Silva, inconfundivelmente caracterizado por um livro aberto no alto do conjunto.

16. Espetáculos musicais em ambiente apropriado teriam de esperar mais de duas décadas, até a inauguração do Teatro José de Alencar, em 1910. O Club Iracema era uma espécie de centro social e cultural da cidade. Fundado em 1884, no ano seguinte ocupava as instalações do anterior Reform Club, nascido em 1876. A denominação Reform Club, inglesa, era imitada de um clube do Rio de Janeiro, cujo nome, por sua vez, não passava de cópia do prestigioso Reform Club, do Mall londrino... Assim, a referência alencarina no nome do Club Iracema traduzia aspirações nacionalistas mas também democráticas, pois os fundadores pretendiam emular com os comerciantes do fechado Club Cearense. Gustavo Barroso, relembrando o Iracema de década e meia depois, descrevia: "O Palacete onde funcionava o Club Iracema , à rua Formosa, fora residência particular do leiloeiro José Rossas num tempo de vacas gordas. Havia no pátio interno um teatrinho que servia a representações de amadores, dos seus filhos, filhas e amiguinhos. Platéia ao ar livre, o que era ótimo numa terra cálida e sem chuvas"(*Liceu do Ceará*, p.137). Situado onde hoje se encontra instalada uma agência do Banco do Brasil (Rua Barão do Rio Branco, 1321), no mesmo local anteriormente funcionaram durante muito tempo a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1925), o Departamento de Ciências Sociais e o Departamento de Comunicação Social da Universidade (1968). A casa da Rua Senador Pompeu atual nº 1164, onde nasceu Nepomuceno, ficava bem perto do Club Iracema.

mas de Soares de Medeiros se exibisse com razoável freqüência todas as noites no Teatro São Luís[17].

Certas concepções de vida de uma cidade provinciana de fins do século XIX fizeram com que a presença de Nepomuceno, jovem, solteiro, insinuante, cercado pela aura de artista, despertasse reações diversas no comportamento romântico do mundo feminino. Conta-se que, por lomgo tempo, muitas jovens conservaram intactos os seus pianos, cujos teclados haviam sido sacralizados pelas mãos do compositor...[18]

O ciclo de atividades musicais desenvolvido por Nepomuceno foi noticiado os jornais da cidade, ganhando maior ênfase, é claro, nas folhas liberais – *O Cearense* e a *Gazeta do Norte*. As referências da folha conservadora (no caso, o *Pedro II*, pois não tivemos acesso ao jornal *A Constituição*), conquanto simpáticas, dão um tratamento meio convencional às notícias.

Em *O Cearense*, colhemos o programa do primeiro concerto, realizado no sábado 28 de abril de 1888 (o programa completo vai transcrito nos anexos). Divididas em duas partes, as apresentações de Nepomuceno ao piano e de Nascimento ao violoncelo se alternavam, comprendendo ao todo 12 peças. Salvo os nomes de Henselt e Popper[19], os demais compositores eram por demais conhecidos (Chopin, Lizt, Rubinstein, Saint-Saens, Schubert e Tchaikovsky). No programa, também foram incluídas obras dos próprios artistas. Nascimento executou ao violoncelo a sua canção *Échos de Suède* bem como a *Prière* (opus 1, nº 1 / para violoncelo e piano) de Nepomuceno, que o acompanhou ao piano. Nepomuceno tocou o seu *Scherzo Fan-*

17. Na cidade, funcionava o Teatro São Luís, pequena casa de espetáculos ocupada pelas companhia dramáticas que visitavam a cidade. Era este o caso da empresa de Soares de Medeiros, na ocasião cumprindo no São Luís temporada artística, prolongada por um mês. O Teatro São Luís ficava na mesma Rua Formosa, nºs 2 e 4, quer dizer, no primeiro quarteirão residencial, na esquina da Rua da Misericórdia (João Moreira), junto da Santa Casa e em diagonal com o Passeio Público. Localizava-se, portanto, em ponto já distante do Club Iracema. Definitivamente fechado o teatro quase uma década após, o local foi ocupado por duas casas – atuais nºs 512 e 520 (esta última traz a data de 1897 no portão).
18. No Museu Diocesano Dom José, de Sobral, há um piano de cauda apresentado como o "piano de Alberto Nepomuceno". À parte a hipótese de pura lenda, pode tratar-se do piano do Club Iracema, utilizado nos concertos do músico.
19. Adolph von Henselt (1814-1889), compositor alemão; David Popper (1843-1913), violoncelista e compositor tcheco de origem germânica.

tástico[20]. Ambas as composições de Nepomuceno datavam do ano anterior.

Os concertos foram realizados nos dias 28 de abril de1888 (sábado)[21], 05 de maio de 1888 (sábado) e 08 de maio de 1888 (terça-feira).

Infelizmente, os jornais não transcrevem os programas completos dos 2° e 3° concertos. Talvez porque, tratando-se de espetáculos em benefício das obras de conclusão da Matriz do Patrocínio[22] e incluindo a presença de terceiros, a escolha das peças executadas não poderia ser divulgada antecipadamente pelos artistas. Certamente muitas delas foram repetidas de concertos anteriores ou tocadas imprevistamente, a fim de atender à solicitação de um público entusiasmado. Ambas as apresentações receberam a participação da senhora Celicina Rolim, em números de canto, enquanto o último concerto contou ainda com a colaboração da pianista D. Maria Sarmanho[23].

De qualquer modo, podemos fazer idéia dos dois espetáculos beneficentes por via dos comentários incluídos na *Gazeta do Norte*, ambos escritos por alguém que não se identificou. Nem sempre objetivos, particularmente quando aprecia Nepomuceno como compositor, levam porém à certeza de que autor das observações críticas possuia conhecimentos musicais.

Não nos furtamos de citar alguns dos trechos expressos pelo articulista, que insistia em demonstrar maior interesse pelo artista criador, por certo mais importante do que o intérprete de terceiros:

---

20. Na lista das composições de PEÇAS PARA PIANO SOLO A DUAS MÃOS do Catálogo Geral das obras de Nepomuceno, organizado por Sérgio Nepomuceno Alvim Correa, consta: 1887 – Rio de Janeiro – "SCHERZO FANTÁSTICO: piano solo. / Estréia: 21.7.1887 – Rio de Janeiro – Imperial Conservatório de Música. Intérprete: o autor. Manuscrito extraviado". O lamentável desaparecimento do manuscrito explica a atual exclusão dessa peça do repertório pianístico de Nepomuceno.
21. O mesmo citado *Catálogo Geral*, por equívoco ou certamente por falha tipográfica, assinala a data de 25 de abril de 1888 (p.12).
22. "Realisou-se hontem na matriz do Patrocinio a festa solemne da benção das imagens de Nossa Senhora do Patrocinio e S. José." (GAZETA DO NORTE – Segunda-feira, 30 de abril de 1888). As obras da matriz de Nossa Senhora do Patrocínio iniciaram-se por volta da metade do século. Entretanto, elevada a igreja à condição de segunda paróquia da cidade, impunha-se a conclusão das obras do edifício.
23. D. Celicina Rolim, de quem temos algumas informações, participava do ambiente musical da cidade como cantora e instrumentista. Nada sabemos de D. Maria Sarmanho, cujo sobrenome, absolutamente incomum no Ceará, induz tratar-se de alguma visitante, talvez esposa de oficial ou funcionário temporariamente designado para servir na cidade.

"ouvimol-o na interpetação dos mestres, mas ouvimol-o principalmente na execução de suas proprias composições". Fazia claras restrições à música operística peninsular, muito em voga ("ligeira e cantante música meridional que faz o encanto dos assobiadores"), agradando-lhe sem dúvida o fato de Nepomuceno interpretar e compor "sem a sentimentalidade propria da nossa raça nem a *nonchalance* do meio em que vivemos", tendo abandonado as "velharias melodicas da Italia". Chamava-lhe a atenção o tratamento especial dispensado por Nepomuceno às fontes musicais brasileiras a que recorria como inspiração, nas quais o comentarista sentia fortes influências germânicas ("saibros betoveanos" [ressaibos beethovenianos?]). Não seria pois de se admirar que o crítico, tão severo para com as realizações populares nacionais (fala do "tom choroso das modinhas e chulas", das "toadas desenxabidas das modinhas e lundus nacionais") aceitasse sem restrições "a dansa de negros[24] ...." porque "é um motivo brazileiro visto, ou antes sentido, atravez dos grandes symphonistas alemães". E acrescentava: "só são brazileiros o motivo e o artista, tudo o mais é allemão: o *stylo* e o modo de sentir". Finalmente, entusiasmado, considerava Nepomuceno um "revolucionario de genio", em quem antevia o criador de uma música que "será, ao contrario, muito nossa, muito americana, muito brazileira, com o reflexo dos nossos céos, dos nossos mares sem tempestades, dos nossos custumes sem grandes lutas, magestosa, serena, ampla e original".

Germanista confesso, o autor dos comentários, provavelmente deveria estar preocupado com a decisão do músico, de estudar na Itália, mas logo ficaria satisfeito ao saber que se havia transferido para a Alemanha, onde realmente aprofundou seus conhecimentos musicais.

Que debates artísticos teriam travado o músico e seu crítico durante as semanas de convívio com a intelectualidade de sua cidade natal? A propósito, lembremos que o comentarista dos concertos cita textualmente o "*rigaudon* provençal" como exemplo de assimilação de fontes populares feitas pelos alemães. Seria por mera coincidência ou por efeito do eco distante de conversas mantidas com o comentarista seu conterrâneo, que Nepomuceno, pouco tempo depois, em 1893, já na Alemanha, incluiria um *Rigaudon* na sua *Suite Antiga* (opus 11) ?

24. *A Dança de negros*, apresentada em primeira audição no Club Iracema, depois seria transcrita para orquestra como o *Batuque*, da Série Brasileira. Conforme se depreende do respectivo programa, não foi executada no primeiro concerto, salvo se em número extraordinário (ver transcrições em anexo).

De qualquer modo, devemos apontar o fato de que o comentarista, envolvido por conceitos muito pessoais, amparados em germanismos conseqüentes ou ingênuos, aceitava com larga compreensão as primeiras experiências do jovem artista na exploração das fontes brasileiras para criação de um nacionalismo musical[25]. Demonstrava maior avanço ou maior sensibilidade do que muitos críticos da Capital Federal que fustigariam Nepomuceno, após seu regresso da Europa, quando da apresentação de suas composições inspiradas em motivos folclóricos brasileiros[26].

Sobre o Hino do Ceará

A propósito do Hino do Ceará, permitimo-nos alguns esclarecimentos. Em 1903, setores intelectuais da vida cearense resolveram comemorar festivamente o tricentenário da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará ou, melhor dito, "da fundação do Ceará", tomando como data referencial a chegada da bandeira de Pero Coelho de Sousa, ocorrida a 31 de julho de 1603 [27]. O Barão de Studart, presidente da comissão organizadora dos festejos e entusiasmado planejador das festividades, solicitou a Nepomuceno compusesse o Hino do Ceará, cuja execução figuraria como evento triunfal das comemorações. A partitura veio acompanhada de uma carta explicativa do compositor ao Barão, carta publicada no jornal fortalezense *A República*, de 29.07.1903 e ora transcrita.

25. Quem seria o comentarista? O Maestro Zacharias Gondim? Algum dos Pompeus de Sousa Brasil, proprietários da *Gazeta do Ceará*? Alguém da família Studart? Eduardo, irmão do Barão? Eduardo, em cuja casa, por ocasião de consagratória *tournée* artística, por volta de 1908, Arthur Napoleão promovera um concerto de piano, ao qual, de retorno ao Rio de Janeiro, se referia como fato comovente e inesquecível?! Isto porque, à noite, tocando na sala de frente da casa, com portas abertas para a Praça José de Alencar, atraíra uma multidão de ouvintes que o haviam aplaudido prolongada e delirantemente.
Ou seria o jovem Hermínio Barroso, amigo de Nepomuceno e já então wagneriano apaixonadíssimo? Hermínio Barroso (1867-1932) estudaria na Europa, tornando-se, de regresso (1896), professor de alemão no Liceu do Ceará, por concurso público. Freqüentador dos festivais de Bayreuth, sua admiração por Wagner levá-lo-ía a dar a uma das filhas o nome de Brunehilda e ao filho, o de Parsifal, José Parsifal Barroso (1913-1986), futuro Ministro do Trabalho e Governador do Estado. Para testemunhar o relacionamento de Hermínio Barroso com Nepomuceno, bastaria recorrer à fotografia de ambos, feita em Zurich (apresentada na Exposição Comemorativa do Centenário do músico, vitrine IV, doc. 35, p. 16 do *Catálogo*).
26. Um crítico musical de presença influente na vida musical do Rio de Janeiro, procurava ironizar as inovações de Nepomuceno, considerando o *Batuque* (Dança de Negros) um "maxixe de casaca".
27. Os festejos comemoravam o marco cronológico mais antigo da história cearense. A terra e o topônimo *Ceará* eram entretanto conhecidos dos portugueses, bastando lembrar que já constavam da relação das Capitanias Hereditárias doadas por D. João III em 1534.

O Hino do Ceará foi executado pela primeira vez do dia 31 de julho de 1903, por um coro de alunas da Escola Normal sob a regência do Maestro Zacarias Gondim, acompanhado pela Banda do Corpo de Segurança Pública do Estado, dirigida pelo músico Raimundo Nonato de Sousa[28], durante a sessão solene iniciada à 1 hora da tarde no edifício da Assembléia Estadual e presidida pelo Presidente do Estado o Dr. Pedro Augusto Borges[29] .

Referências bibliográficas

ADERALDO, Mozart Soriano – Alberto Nepomuceno – o fundador da música nacional. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 78: 153-9,1964.

_____. Percorrendo a Rua da Palma. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 73: 334-87, 1959.

_____. Um trecho da rua de meus verdes anos. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 93: 126-165, 1979.

ARAÚJO, Paulo Airton – Alberto Nepomuceno. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 101: 236-9, 1987.

BARROSO, Gustavo – *À margem da história do Ceará*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962.

_____. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro, Getúlio M.Costa, 1940.

BÓIA, Wilson – *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

28. Ver STUDART, G. , Barão de – *Datas e factos para a História do Ceará*, 1924, p. 159 e BARROSO, Gustavo – *Liceu do Ceará*, p. 145-6 e, principalmente, Pedro Veríssimo, que informa: "Foi o maestro Zacarias Gondim, que em 1903, ensaiou e dirigiu, em primeira mão, o coral e música do Hino do Ceará, de Alberto Nepomuceno, o qual teve para canto as afinadas vozes de aplicadas normalistas, em número de setenta, e, para acompanhamento, a harmoniosa banda do Corpo de Segurança do Estado, então mestrada pelo exímio clarinetista Raimundo Nonato de Sousa" (VERÍSSIMO, Pedro – A música na terra de Iracema. *Rev. Inst. do Ceará*, 67: 151, 1954). Zacharias Thomaz da Costa Gondim (1851-1907), organista da Sé fortalezense, pertencia a uma família sobralense de músicos destacados.

29. Relativamente ao Hino, assinala Sérgio Nepomuceno Alvim Correa, neto do compositor e seu biógrafo autorizado: "Hino do Ceará: coro misto e orquestra. / Texto em português de Thomas Lopes. Orquestração: banda e fanfarra, arranjo de Zacharias Gondim / Estréia: 31.06.1903 – Fortaleza – CE. Intérpretes: Coro da Escola Normal de Fortaleza e Banda do Batalhão de Segurança Pública do Ceará. Regente: Zacharias Gondim. Manuscrito. Duração: 3'00 (*Catálogo op.cit.* p.26). A estréia ocorreu a 31 de julho, e não em junho, como cita o *Catálogo*, por provável engano tipográfico.

CORREA, Sergio Alvim – *Alberto Nepomuceno*; Catálogo geral. Rio de Janeiro, Funarte / Instituto Nacional de Música,1985.

EDMUNDO, Luís [da Costa] – *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 5 v. Rio de Janeiro, Conquista, s.d. 2a. ed. v.2-3

EXPOSIÇÃO comemorativa do centenário de nascimento de Alberto Nepomuceno. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional; Fortaleza, Universidade do Ceará, 1964 [catálogo].

GIRÃO, Raimundo – *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1959.

ISAACS, Alan & MARTIN, Elizabeth (org.) – *Dictionary of music*. London/ New York, Hamlyn, 1982.

LIVRO[S] que ha de servir para inscripção do arrolamento da população da freguesia de São José [de Nossa Senhora do Patrocínio] da Cidade da Fortaleza... 1887 (Arquivo Público do Estado do Ceará).

SALES, Antônio – Uma fotografia célebre. Fortaleza, *Correio do Ceará*, 11.01.1937.

STUDART, Guilherme, Barão de – *Datas e factos para a História do Ceará*. Fortaleza, Typ. Commercial, 1924, p.159.

_____. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense*. 3 v. Fortaleza,Typolithographia a vapor, 1910, l.v, p.17-21.

_____. Dados biographicos do Maestro Alberto Nepomuceno. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 34: 371-5, 1920.

THE LAROUSSE Encyclopedia of music. London/New York, Hamlyn, 1977.

VERÍSSIMO, Pedro – Música na terra de Iracema (Sinopse histórica do movimento musical no Ceará de 1900 a 1950). Fortaleza, *Revista do Instituto do Ceará*, 68: 149-54, 1954.

Transcrições

Periódicos consultados na Secção de Microfilmagem do Arquivo Público do Estado do Ceará:

Carta de Alberto Nepomuceno ao Barão de Studart

A REPÚBLICA, 29.07.1903

Com esta, segue copia do hymno, lettra e musica, e verá que o meu intuito foi escrever um hymno para o povo e para as escolas.

Em primeiro logar é minha opinião que a acceitação por um povo de um canto commemorativo de fastos históricos ou que symbolise aspirações de raças ou regimes, depende de um dado momento historico. Em segundo logar, um canto nestas condições será acceito, ainda quando a educação artistica do povo for outra que não a do nosso, ou quando a ethnologia tenha fornecido ao artista compositor os elementos de tal ordem, que o povo acceite o canto como um producto seu.

Foi nessa parte do segundo enunciado que baseei o meu hymno.

Tive de desprezar o rythmo, e aproveitei então uma modificação da escala musical que encontrei em tres melodias de origem cearense, e que consiste no abaixamento do 7º gráo da escala sempre que o motivo melodico tende a repousar no 4º, 6º e 2º gráo.

Se for feliz, terei vencido uma campanha, especialmente por isto que será *O Cearense* o unico povo da communhão brasileira que cantará uma canção patriotica; será uma prova de amor á lingua e á nacionalidade; será mesmo um direito a esta.

Notícias sobre os concertos de Nepomuceno

O Cearense – Sexta-feira, 27.04.1888 [era órgão do Partido Liberal]

Nos salões do Club Iracema a effectuar-se-á amanhã, 28, á noute, o concerto musical dos distinctos artistas Alberto Nepomuceno e Frederico Nascimento.

Eis seu programa:

1ª. parte

1. Fantasia sobre a Serènade [sic] de Schubert Nascimento { Nascimento }
2. a. Chopin – Nocturno { Nepomuceno }
   b. Henselt – Estudo
3. a. Tchaikowski – Chant d'Automne { Nascimento }
   b. Popper – Gavotte
4. Saint-Saens – Menuet et Valse { Nepomuceno }

2ª. parte

5. Nepomuceno – Scherzo Phantastique { Nepomuceno }
6. a. Nepomuceno – Prière { Nascimento }
   b. Popper – Fileuse
7. a. Rubinstein – Romance { Nepomuceno }
   b. Lizt – Air Russe
8. Nascimento – Echos de Suède { Nascimento }

Começa o concerto ás 8

Agradecemos o delicado convite

O Cearense – Terça-feira, 1 de maio de 1888, p.2

No Club Iracema realisou-se na noite de 28 (sábado) passado o concerto dos notaveis artistas Frederico Nascimento e Alberto Nepomuceno. Não se pode exprimir o que foi esta maviosa festa do talento e da arte, tão maravilhosa foi a exhibição dos dois dilectos artistas.

Nascimento é prodigioso, e faz o que quer no seu magico violoncello, Nepomuceno, muito jovem ainda, é primoroso e revela o grande artista d'amanhã.

Ambos foram enthusiasticamente applaudidos, e mais do que isso admirados.

Muito gratas as impressões que o concerto deixou; tanto maior quando raramente se ouvem artistas como Nascimento e Nepomuceno.

Felicitando-os, auguramo-[l]hes virentes louros, onde quer que se exhibam: – o talento e o genio se impõem.

O Cearense – Terça-feira, 8 de maio de 1888.

Concerto – No sabbado [*dia 5 de maio*] realisou-se o 2º concerto dos conhecidos artistas Alberto Nepomuceno e Frederico Nascimento, secundados pela distincta amadora Da. Celicina Rolim.

O producto da festa é applicado em beneficio das obras da egreja matriz do

Patrocinio.

Nada temos a accrescentar sobre o merito dos distinctos artistas e a festa. Entre nós, elles não têm feito mais do que angariar novos admiradores de seu bello e e cultivado talento.

A festa satisfez a todos.

O Cearense – Quinta-feira, 10 de maio de 1888

Concerto – No salões do Club Iracema realisou-se ante hotem á noite o terceiro concerto dos distinctos artistas Alberto Nepomuceno e Frederico do Nascimento.

O producto da festa é applicado em beneficio das obras da egreja matriz do Patrocinio.

Nada temos a accrescentar sobre o merito dos distinctos artistas e a festa. Entre nós, elles não têm feito mais do que angariar novos admiradores de seu bello e cultivado talento.

Pedro II – Quinta-feira, 3 de maio de 1888, p.2 [era órgão conservador, saindo ás 5as. e domingos]

Concerto – Com muita satisfação assistimos, na noite de 28 passado, o esplendido concerto, organisado pelos notaveis artistas Frederico do Nascimento e Alberto Nepomuceno.

Foi uma festa em que o talento manifestou-se com toda a sua pujança pela linguagem melodiosa que ouvimos com admiração e arrebatamento, porque tanto Nascimento como Alberto Nepomuceno conheceram a harmonia que existe entre a musica e os sentimentos humanos.

Conservamos ainda as mais vivas recordações do concerto e felicitamos aos dignos artistas pelos louros que colheram.

Pedro II – 10.05.1888

Concerto – Realisou-se no sabbado ultimo o 2º concerto dos notaveis artistas Alberto Nepomuceno e Frederico Nascimento.

Foi uma festa agradavel, em que os distinctos artistas confirmaram mais uma vez a invejável reputação, de que gosam.

Contribuio muito para realçar o concerto á [sic] Exmª. Snrª. D. Celicina Rolim, que fez ouvir a sua melodiosa voz, já conhecida do nosso publico e sempre enthusiasticamente applaudida.

Pedro II – 13.05.1888

Outro Concerto – Pela terceira vez os applaudidos artistas Nepomuceno e Nascimento, auxiliados pelas Exmªs. Snrªs. D.D. Celicina Rolim e Maria Sarmanho, realizaram mais um concerto em beneficio da matriz do Patrocinio.

O nosso publico não regateou applausos aos dignos artistas, bem como ás Exmas e gentis senhoras que de coração se prestaram para que a festa fosse brilhante e agradavel.

É digno de louvor este acto de despedida dos distinguidos artistas, que d'esta forma souberam, praticando a caridade, deixar os seus nomes gravados em nossos corações, onde, com o tempo, se tornarão maiores e mais fundos.

Gazeta do Norte – segunda-feira, 23 de abril de 1888 [órgão liberal]

Conforme haviamos annunciado chegaram ante-hontem da Corte, o nosso talentoso comprovinciano, o laureado pianista Alberto Nepomuceno e o festejado violoncellista Frederico do Nascimento.

Os dous notaveis artistas, o primeiro dos quaes é particularmente conhecido

e estimado entre nós, conseguiram já crear a mais brilhante reputação e impor-se aos applausos dos mestres e do publico.

Pretendem demorar-se entre nós vinte dias; e em honra delles prepara-se um concerto musical.

Saudemol-os cordialmaente.

Gazeta do Norte – Segunda-feira, 30 de abril de 1888.

Pequeno era o vasto salão do Club Iracema para conter, a sociedade tão distincta quanto numerosa, que o encheu em a noute de sabbado.

Era o concerto dado pelos eximios artistas, Alberto Nepomuceno e Frederico do Nascimento, e o nosso publico, inteligente e culto, não quiz perder ensejo de applaudir a Arte, na pessoa de dous dos seus mais illustres representantes.

É preciso dizer que si era alta a espectativa [sic], produzida pela reputação dos laureados maestros, ella foi todavia excessiva.

Nepomuceno executou ao piano composições magistraes e dificeis, com tanto talento, com a mão tão agil e tão firme, com tanto rigor de expressão, que é difficil imaginar-se melhor. O violoncello de Nascimento, harmonioso, doce, commovente, enlevou o auditorio num arroubo celestial, apenas interrompido pela delirante ovação com que foi saudado o prodigioso talento do artista.

O publico, cuja admiração não podia obedecer e á formulas [sic], pediu repetição de trechos do programma, o que deu logar a execução de mais peças não annunciadas.

A impressão que ficou da bellissima festa é a de duas horas de raro e delicioso prazer e de sincero enthusiasmo pelo talento dos notaveis artistas, Alberto Nepomuceno e Frederico do Nascimento.

Gazeta do Norte – Segunda-feira, 7 de maio de 1888.

O segundo concerto dos artistas Alberto Nepomuceno e Frederico do Nascimento conformou a reputação que haviam grangeado no primeiro.

Alberto Nepomuceno revelou seu talento criador na Priére [sic], composição delineiada nos moldes classicos, com saibros betoveanos [sic].

É um espirito creador, expontaneo, pouco trabalhado pela sciencia musical, mas que desde já se mostra docil ás lições dos grandes mestres da arte.

Como mero pianista é correcto, sem affectação, mas sem aquella sentimentalidade própria de nossa raça, nem a nonchalance do meio em que vivemos.

É antes um refinado amador das difficuldades harmonicas, do que o interprete do nosso gosto musical, formado pelas velharias melodicas da Italia e as toadas desenxabidas das modinhas e lundus nacionaes.

Alberto Nepomuceno é, em summa, o liberal, o refornach [sic] pouco respeitoso da escola musical, que nos legou a geração passada; mas um revolucionario de genio, que com applicação e estudo, conseguirá sobresahir e crear para si nome invejado.

Frederico do Nascimento é sobretudo o artista delicado que soube identificar-se com o instrumento que escolheu. É o Paganini do violoncello, o qual paga-leu [lhe] em sons maravilhosos, surpreendentes [,] o amor com que é tratado. A quem o ouve parece que aquellas cordas e aquelle arco são dotados de alma imaginosa, sensivel e inteligente. Cada vibração é um sentimento, uma ideia que se evola para o infinito, uma remenicencia [sic] de outra idade, senão de um mundo melhor. É o caso de um pobre christão virar brahmane e acreditar que o violoncello é a metamorphose de ente querido que partiu. A maestrina d. Celicina Rolim garganteou

com sua voz timbrosa uns trechos escolhidos com graça e amore, conquistando do auditorio sinceras palmas de admiração.

Gazeta do Norte – Sexta-feira, 11 de maio de 1888

Por um deploravel descuido deixou de sair ante-hontem no nosso jornal a noticia do concerto realizado nos salões do Club Iracema em beneficio da egreja do Patrocinio.

Damol-a hoje, essa noticia, e pedimos desculpas para o apparecimento tardio.

Ainda uma vez confirmou-se o juizo que fizemos de Alberto Nepomuceno, com leve modificação que é por ventura uma caracteristica da sua maneira ainda indecisa como personalidade, mas já lizongeiramente promettedora para a arte nacional.

Ouvimol-o encantados e quase com a attenção daquelles amadores de que fala Lévêque, que cerrão os olhos para melhor saborear a musica; ouvimol-o na interpretação dos mestres, mas ouvimol-o principalmente na execução de suas proprias composições.

N'estas é que Nepomuceno se define, e a feição do seu talento se esclarece.

Haviamos dito já que o distincto amador afastara-se grandemente da musica, que nos legara a geração passada, entre nós. Aquelle tom choroso das musicas brasileiras, modinhas e chulas, desappareceu nas mãos do jovem mestre. Si como musico erudito, procura colleccionar e assimilar as canções, as areas [sic], as melodias populares, como se fazia na Allemanha com o Rigaudon da Provence, a dansa dos mortos de Maccaber, as melodias styrianas, a dansa do sabbat, etc.[,] como os allemães [,] não lhes dá Nepomuceno aquella phisionomia particular que relembra a indole, os gostos, os costumes de sua terra, mas faz elle [Nepomuceno] essa operação como se fosse de Wiesbaden ou de Weimar. Só são brazileiros o motivo e o artista, tudo o mais é allemão: o stylo, o modo de sentir, etc.

Na sua Priére [sic], tão sentida, tão magistral, ha um quer que é que faz lembrar as tristezas por noites frias ás margens do Baltico, quando o noroeste bate rijo nas ventanas dos velhos campanarios e a neve amortalha a terra. Não ha ahi essa saudade luminosa e callida, de que brotão lagrimas que são perolas a faiscar ao sol.

A sua dansa de negros (supomos que este é o nome) é uma peça do genero que apontamos. É um motivo brazileiro visto, ou antes sentido, atravez dos grandes symphonistas allemães.

Tudo isto todavia nada quer dizer em desabono do engenho de Nepomuceno. Muito ao contrario, significa que a flexibilidade de sua indole artistica amolda-se perfeitamente ás lições dos mestres dominadores; e moço ainda como elle é, educado e fortalecido na convivencia desses grandes espiritos, virá, quando conquistar a sua independencia artistica, a constituir uma arte nossa, que nem será allemã com toda aquella magestosa tristesa que relembra as geleiras, os castellos feudaes, nem essa ligeira e cantante musica meridional que faz o encanto dos assobiadores. Não será Lohengrin, ou Tannhäuser com que tão difficilmente tem se acommodado nem o "Orphé aux enfes" [sic] que faz as delicias dos cafés e dos boulevards.

Será, ao contrario, muito nossa, muito americana, muito brazileira, com o reflexo dos nossos céos, dos nossos mares sem tempestades, dos nossos custumes sem grandes lutas, magestosa, serena, ampla e original.

É este o papel que promette representar na historia da nossa arte o sr. Nepomuceno, papel que mais brilhante se tornará, quando a sua influencia se

ensinuar [sic] na sensibilidade dos contemporaneos [,] dos que talvez venha modificar a intuição artistica.

Pelo que lhe ouvimos, bem cremos que lhe cabe a phrase de Beetoven [sic] Mir schweben ganz andere Dinge vor.

Que realise isso que lhe fluctua n'alma, é o que sinseramente [sic], como amigos da bôa arte regeneradora, desejamos aos distincto moço que vae em breve deixar-nos.

Quanto ao sr. Nascimento, ainda uma vez, com o seu encantado instrumento, manteve-se na altura em que o encontramos nos primeiros concertos. Duas cousas tornão-no em extremo interessante entre nós: o seu notavel talento e a saudade nostalgica com que unge as cordas do seu instrumento maravilhoso.

Fizerão tambem parte do concerto a exma. sra. d. M. Sarmanho, e a gentil maestrina d. Celicina Rolim. A primeira executou com muita elegancia, ao piano, uma fantasia de Leybach. A segunda deu-nos um bello trecho do Toxti -Amore , que agradou summamente. A sua bella voz tem adquerido flexões dulcisimas, na interpretação dos bons mestres.

Foi emfim uma noite, essa de terça-feira [8], como desejaramos ter muitas para encher as horas insipidas desta terra.